

MARILIA
DE
DIRCEO.

MARILIA

DE

DIRECCO.

M A R I L I A
D E
D I R C E O.

P O R T. A. G.

PRIMEIRA PARTE.



2ª ed.

A
B869.12
9642
m
1799

L I S B O A:

N A O F F I C I N A N U N E S I A N A.

A N N O M. D C C. X C I X.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço

MARTELL

DIÁRIO

FOR T. W. O.

PRIMEIRA PARTE

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume encontra-se registrado

sob número 1346

do ano de 1974

ANUÁRIO DE ECONOMIA E FINANÇAS

ANO DE 1974

Comissão de Inquérito do Senado Federal

BIBLIOTECA
NACIONAL
FEDERAL

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tozco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
 Dos annos inda não está cortado:
 Os Pastores, que habitão este monte,
 Respeitão o poder do meu cajado.
 Com tal destreza toco a sanfoninha,
 Que inveja até me tem o proprio Alceste:
 Ao som della concerto a vóz celeste;
 Nem canto letra que não seja minha.

Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
 Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
 Depois que o teu affecto me segura,
 Que queres do que tenho fer Senhora.
 He bom, minha Marilia, he bom fer dono
 De hum rebanho, que cubra monte, e prado;
 Porém, gentil Pastora, o teu agrado
 Vale mais q̃ hũ rebanho, e mais q̃ hũ throno.

Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina ;
 A quem a luz do Sol em vão se atreve :
 Papoila , ou rosa delicada , e fina ,
 Te cobre as faces , que são côr da neve.
 Os teus cabellos são huns fios d'ouro ;
 Teu lindo corpo balsamos vapora.
 Ah ! não , não fes o Ceo , gentil Pastora ,
 Para gloria de Amor igual Thefouro.

Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Leve-me a fementeira muito embora
 O rio sobre os campos levantado :
 Acabe , acabe a peste matadora ,
 Sem deixar huma rê , o nedeo gado.
 Já destes bens , Marilia , não preciso :
 Nem me cega a paixão , que o mundo arrasta ,
 Para viver feliz , Marilia , basta
 Que os olhos movas , e me dês hum riso.

Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Hirás a divertír-te na floresta,
 Sustentada, Marilia, no meu braço;
 Aqui descansarei a quente fésta,
 Dormindo hum leve somno em teu regaço;
 Em quanto a luta jogão os Pastores,
 E emparelhados correm nas campinas,
 Toucarei teus cabellos de boninas,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte
 Ou seja neste monte, ou n'outra ferra,
 Nossos corpos terão, terão a sorte
 De consumir os dous a mesma terra.
 Na campa, rodeada de cyprestes,
 Leraõ estas palavras os Pastores:
 „ Quem quizer ser feliz nos seus amores,
 „ Siga os exemplos, que nos derão estes „
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

L Y R A II.

PINTÃO, Marilia, os Poetas
 A hum menino vendado,
 Com huma aljava de settas,
 Arco empunhado na mão:
 Ligeiras azas nos hombros,
 O tenro corpo despido;
 E de Amor, ou de Cupido
 São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
 Que assim seja Amor; pois elle
 Nem he moço, nem he cego,
 Nem settas, nem azas tem.
 Ora pois, eu vou formar-lhe
 Hum retrato mais perfeito,
 Que elle já ferio meu peito;
 Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeão,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, hum composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa;
Arqueadas sobrançellas,
A vóz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso,
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito
Dei logo hum suspiro, e elle
Conheceo haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava:
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso;
Elle ouvindo os seus louvores
Com hum modo desdenhoso,
Se furrio, e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deo tambem resposta,
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado da esperança,
Busco dar hum desaffogo
Ao cansado coração.
Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe hum beijo,
Cubrio-se todo de pejo,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
 De Amor o lindo retrato,
 Comtigo estarás dizendo,
 Que he este o retrato teu.
 Sim, Marilia, a copia he tua,
 Que Cupido he Deos supposto:
 Se ha Cupido he só teu rosto,
 Que elle foi quem me venceo.



L Y R A III.

DE amar, minha Marilia, a formosura
 Não se pódem livrar humanos peitos.
 Adorão os Heróes, e os mesmos brutos
 Aos grilhões de Cupido estão fugeitos.
 Quem, Marilia, despreza huma belleza,
 A luz da razão precisa,
 E se tem discurso, pisa
 A Lei, que lhe ditou a Natureza!

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
 Huma vez se mudou em chuva de ouro :
 Outras vezes tomou as variâs fórmãs
 De General de Thebas , velha , e touro.
 O proprio Deos da Guerra deshumano
 Não viveo de amor illeso ;
 Quiz a Venus , e foi prêso
 Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano,

Se amar huma belleza se desculpa
 Em quem ao proprio Ceo , e terra move ;
 Qual he a minha gloria , pois igualo ,
 Ou excedo no amor ao mesmo Jove ?
 Amou o Pai dos Deoses Soberano

Hum semblante peregrino :
 Eu adoro o teu divino ,
 O teu divino rosto , e sou humano.

◆————◆

LYRA IV.

MARILIA, teus olhos
São réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
 O risco imperfeito,
 Fizerão a chaga,
 Que abriste no peito
 Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
 Levava o teu gado
 A' fonte mais clara,
 A' vargem, e prado
 De relva melhor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
 Trazia nos ninhos
 As aves nascidas,
 Abrindo os biquinhos
 De fome ou temor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava
 De gosto me enchia;
 Mas sempre o ciúme
 No rosto accendia
 Hum vivo calor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,
 Dirceo se alegrava;
 Se estavas sentida,
 Dirceo suspirava
 A' força da dor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,
 Marilia dizia;
 Surria-se aquella,
 E eu conhecia
 O erro de amor.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.

Movida , Marilia ,
 De tanta ternura ,
 Nos braços me dêste ,
 Da tua fé pura
 Hum doce penhor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Tu mesma difteste
 Que tudo podia
 Mudar de figura ;
 Mas nunca seria
 Teu peito traidor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste ;
 E a Olaia frondoza ,
 Aonde escreveste
 A jura horrorosa ,
 Tem todo o vigor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,
 Que o fado tyranno
 Te obriga a deixar-me;
 Pois busca o meu damno
 Da forte, que for.
 Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.



LYRA V.

A CASO são estes
 Os sitios formosos,
 Aonde passava
 Os annos gostosos?
 São estes os prados,
 Aonde brincava,
 Em quanto passava
 O manso rebanho,
 Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Daquelle penhasco

Hum rio cahia,

Ao som do sussurro

Que vezes dormia!

Agora não cobrem

Espumas nevadas

As pedras quebradas:

Parece que o rio

O curso voltou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Meus versos alegre
 Aqui repetia:
 O Eco as palavras
 Tres vezes dizia,
 Se chamo por elle
 Já não me responde;
 Parece se esconde,
 Cansado de dar-me
 Os ais que lhe dou.
 São estes os sitios?
 São estes; mas eu
 O mesmo não sou.
 Marilia, tu chamas?
 Espera que eu vou.
 Aqui hum regato
 Corria sereno,
 Por margês cobertas
 De flores, e feno:
 A' esquerda se erguia
 Hum bosque fechado;
 E o tempo apressado,
 Que nada respeita,
 Já tudo mudou.

São estes os sitios?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas?

Espera que eu vou.

Mas como discorro ?

Acaço podia

Já tudo mudar-se

No espaço de hum dia?

Existem as fontes ,

E os freixos copados ;

Dão flores os prados ,

E corre a cascata ,

Que nunca seccou.

São estes os sitios?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas?

Espera que eu vou.

Minha alma , que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor , e faudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradarão ;
Ah ! não se mudarão !
Mudarão-se os olhos ,
De triste que estou.

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas ?

Espera que eu vou.



L Y R A VI.

Oh! quanto pôde em nós a varia Estrella!
 Que diversos que são os genios nossos!
 Qual solta a branca vélla,
 E affronta sobre o pinho os mares grossos,
 Qual cinge com a malha o peito duro;
 E marchando na frente das cohortes,
 Faz a toare voar, cahir o muro.

O fordido avarento em vão trabalha;
 Que possa o filho entrar no seu Theouro.
 Aqui fechado estende
 Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro,
 Sacode o jogador do copo os dados;
 E n'uma noite só, que ao somno rouba,
 Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.

E o terno Alceste chora

Ao som dos versos a que o genio o guia;

O sábio Gallileo toma o compasso,

E som voar ao Ceo, calcula, e mede

Das Estrellas, e Sol o immenso espaço;

Em quanto pois, Marilia, a varia gente;
Se deixa conduzir do proprio gosto;

Passo as horas contente

Notando as graças do teu lindo rosto.

Sem cansar-me a saber se o Sol se móve;

Ou se a terra voltea; assim conheço

Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;

E noto as faces de Jasmims, e rosas:

Noto os teus olhos bellos;

Os brancos dentes, e as feições mimosas.

Quem fez huma obra tão perfeita, e linda;

Minha bella Marilia, tambem póde

Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.



LYRA VII.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia meus amores;
Porém como se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores?
Dar-mas a terra não pôde;
Não que a sua côr mimosa
Vence o lyrio, vence a rosa:
O jasmim, e as outras flores.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu!
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo ;
Busquemos hum pouco mais ;
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguaes.

Porém não , que em parallelo
Da minha Nynfa adorada
Perolas não valem nada ,
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os Astros, vôa,
Traz-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se pôdem
Taes bellezas , como aquellas ,
Que Marilia tem nos olhos ,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas ,
Aos negros olhos , que matão ,
Não imitação , não retratão
Nem Auroras, nem Estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Vôa sobre os Astros, vôa,
 Traze-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,
 Entremos na mesma Esfera.
 Venha Pallas, venha Juno,
 Venha a Deosa de Cithera.
 Porém não, que se Marília
 No certame antigo entrasse,
 Bem que a Paris não peitasse,
 A todas as tres vencera.

Vai-te, Amor, em vão soccorres
 Ao mais grato empenho meu:
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastão tintas do Ceo.



L Y R A VIII.

MARILIA, de que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Não te dêo também o seu?

E tu, Marilia, primeiro

Não lhe lançáste o grilhão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas

Não rulão ternos pombinhos?

E rulão, Marilia, em vão?

Não se afagão c'os biquinhos?

E a provas de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Já viste , minha Marilia ,
Avezinhas , que não fação
Os seus ninhos no verão ?
Aquellas com quem se enlação
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouzo em que estão ?

Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção ?

Se os peixes , Marilia , gerão
Nos bravos mares , e rios ,
Tudo effeitos de Amor são.
Amão os brutos impios ,
A serpente venenosa ,
A Onça , o Tigre , o Leão.

Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção ?

As grandes Deusas do Ceo,
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.

Diana, com ser Diana,
Não se abraça, não suspira
Pelo amor de Endymião?

Todos amão: só Marilia
Destá Lei da Natureza
Queria ter izenção?

Desiste, Marilia bella,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo; pois nella assenta
A nossa conservação.

Todos amão: só Marilia
Destá Lei da Natureza
Não deve ter izenção.



L Y R A IX.

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo,
Porém não me venceo a mão armada
De ferro, e de furor:
Huma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força que não seja
A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora
Cadêas nas bigornas trabalhadas
Com pezados martellos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios d'ouro,
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
Cupido a tudo faz tyránna guerra:

Sacode a setta ardente ;
E sendo despedida cá da terra ,
As nuvens rompe , chega ao alto Im pirio ,
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tirão, Marilia, os succos faborosos
Das orvalhadas flores:
Pendentes dos teus beijos graciosos
Ambrosias chupão, chupão mil feitiços
Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura ;
A fonte crystallina ,
Que sobre as pedras caê de immensa altura ;
Não forma hum som tão doce, como forma
A tua vóz divina.

Em torno dos teus peitos , que palpitão ;
Exalão mil suspiros desvelados

Enchames de desejos ;

Se encontrão os teus olhos descuidados ,
Por mais que se atropelem , voão , chegão ,

E dão furtivos beijos.

O Císne , quando corta o manso lago ,
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;

A Náo que ao longe passa ,

Quando o vento lhe infuna o pano grosso ,

O teu garbo não tem , minha Marilia ,

Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade :

Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo

A' mão de Amor impia :

Honro a virtude , e os teus dotes amo :

Tambem o grande Achilles veste a saia ,

Tambem Alcides fia.

◆————◆

 L Y R A X.

SE existe hum peito,
 Que izento viva
 Da chamma activa,
 Que accende Amor.
 Ah! não habite
 Neste montado;
 Fuja apressado
 Do vil traidor.

Corra, que o Impio
 Aqui se esconde:
 Não fei aonde;
 Mas fei que o vi.

Tráz novas fettas,
 Arco robusto;
 Tremi de fusto,
 Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O Impio tem.

Oh ! como he justo,
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem !

No corpo ainda
Menino existe :
Mas quem resiste
Ao braço seu ?
Ao negro Inferno
Levou a guerra :
Vencêo a terra,
Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem
 Seus membros bellos;
 E os seus cabellos
 Que lindos são!
 Vendados olhos;
 Que tudo alcanção,
 E já mais lançaõ
 A setta em vão.

As suas faces
 São cor da neve;
 E a bocca breve
 Só rizos tem.

Mas, ah! respira
 Negros venenos,
 Que nem ao menos
 Os olhos vem.

Aljava grande
 Dependurada,
 Sempre atacada
 De bons farpões.

Fere com estas
 Agudas lanças,
 Pombinhas mansas,
 Bravos leões.

Se a setta falta
 Tem outra prompta,
 Que a dura ponta
 Já mais torcêo.

Ninguém resiste
 Aos golpes della:
 Marilia bella
 Foi quem lha dêo.

Ah! não sustente
 Dura peleija,
 O que deseja
 Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,
 Que só fugindo
 De hum rosto lindo,
 Se vence Amor.

◆————◆
 L Y R A X I.

Não toques, minha Musa, não, não toques
 Na sonerosa Lyra,
 Que ás almas, como a minha, namoradas
 Doces Canções inspira:
 Assopra no clarim, que apenas soa
 Enche de assombro a terra;
 Naquelle, a cujo som cantou Homero,
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,
 Empreza maior ;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma
 Cupido o seu thesouro:
 Vivos olhos, e faces côr da neve,
 Com crespos fios de ouro ;
 Meus olhos só vem gramas, e loureiros ;
 Vem carvalhos, e palmas ;
 Vem os ramos honrosos, que deistinguem
 As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
 Empreza maior ;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe, que já no berço
As Serpes despedaça;
Que fere os Cácos, que destronca as Hidras,
Mais os leões que abraça.

Cantemos, se isto he pouco, a dura guerra
dos Tritões, e Tyféos,
Que arrancão as montanhas, e atrevidos
Levão armas aos Ceos.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento;
Que a vóz também levanto;
Porém tu délte muito assima o ponto,
Dirceo não póde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só *Marilia* digo.

Deixemos , ó Musa ,
Empreza maior ,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim , agora
Meu canto já se afina ;
E a humana vóz , parece que ao som dellas
Se fáz' tambem divina.

O mesmo que cercou de muro a Thebas
Não canta assim tão terno ;
Nem póde competir commigo aquelle ,
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos , ó Musa ,
Empreza maior ;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Parão o ledo canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come:
Quanto pódem meus versos! Quanto póde
Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó *Musa*,
Empreza maior;
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

◆ ————— ◆

L Y R A XII.

TOPEI hum dia
 Ao Deos vendado,
 Que descuidado
 Não tinha as fettä
 Na impia mão.

Mal o conheço,
 Me sóbe logo
 Ao rosto o fogo,
 Que a raiva accende
 No coração.

Morre , tyranno ;
Morre , inimigo !
 Mal isto digo,
 Raivoso o aperto
 Nos braços meus.

Tanto que o moço
 Sente apertar-se,
 Para salvar-se
 Tambem me aperta
 Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !

Poude suffer-se

A vêz primeira ;
Mas á terceira
Nos pés , que alarga ,
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,
Ferro aguçado
No já cançado
Peito , que arqueja ,
Mil golpes dêo.

Suou seu corpo ;

Tremêo gemendo ;
E a côr perdendo ,
Batêo as azas ;
Em fim morrêo.

Qual bravo Alcides,
 Que a hirsuta pelle
 Vestio daquelle
 Grenhoso bruto,
 A quem matou.

Para que prove
 A empreza honrada,
 C'o a mão manchada
 Recolho as settas,
 Que me deixou.

Ouvio Marilia
 Que Amor gritava,
 E como estava
 Vizinha ao sitio
 Valler-lhe vem.

Mas quando chega
 Espavorida,
 Nem já de vida
 O féro monstro
 Indicio tem.

Então Marilia ,
 Que o vê de perto
 De pó cuberto ,
 E todo em volto
 No sangue feu ;
 As mãos aperta
 No peito brando ,
 E afflicta dando
 Hum ai , os olhos
 Levanta ao Ceo .

Chega-se a elle
 Compadecida ;
 Lava a ferida
 C'o pranto amargo ,
 Que derramou .

Então o monstro
 Dando hum suspiro ,
 Fazendo hum gyro
 C'o a baça vista ,
 Resuscitou .

Respira a Deosa ;
 E vem o gosto
 Fazer no rosto
 O mesmo effeito,
 Que fêz a dôr.

Que louca idéa

Foi a que tive !
 Em quanto vive
 Marilia bella,
 Não morre Amor.

◆————◆
 L Y R A XIII.

Oh ! quantos riscos,
 Marilia bella,
 Não atropella
 Quem cego arrasta
 Grilhões de Amor !

Hum peito forte,
 De acordo falto,
 Zomba do assalto
 Do vil traidor.

O amante de Hero
 Da luz guiado,
 C'o peito ousado,
 Na escura noite
 Rompia o mar.

Se o Helesponto
 Se encapelava,
 Ah! não deixava
 De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
 A heroicidade,
 Esta verdade,
 Minha Marilia,
 Próva também.

Cheio de esforço
 Vai ao Cocito,
 Buscar afflito
 Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada !
Ao pé da entrada
Já tudo affusta
O coração !

Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.

Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mete horrot.

Que seguranças !

Que fechaduras !

As portas duras

Não são de lenhos ;

De ferro são.

Por tres gargantas ,

Quando alguém bate ,

Raivoso late

O negro cão.

Dentro da cova

Soão lamentos ;

E que tormentos

Não mostra aos olhos

A escassa luz !

Minos a pena

Manda se intime

Igual ao crime ,

Que ali conduz.

Grande penedo
 Este carrega ;
 E apenas chega
 Do monte ao cume ,
 O faz rolar.

A pedra sempre
 Ao valle desce ,
 Sem que elle cesse
 De a ir buscar.

Nas limpas aguas
 Habita aquelle :
 Por cima delle
 Verdejão ramos ,
 Que pomos dão.

De balde a bocca
 Molhar pertende ;
 De balde estende
 Faminta mão.

Tem outro o peito
 Despedaçado :
 Monstro esfamado
 Já mais descança
 De lho roêr.

A roxa carne,
 Que abutre come,
 Não se consome,
 Torna a crescer.

Mas bem que tudo
 Pavor inspira,
 Tocando a lyra
 Desce ao Averno
 O bom Cantor.

Não se entorpece
 A lingua, e braço;
 Não teme o passo,
 Não perde a côr.

Ah! tambem quanto
 Dirceo obrára,
 Se precizára,
 Marilia bella,
 Do esforço feu!

Rompera os mares

C'o peito terno,
 Fôra ao Inferno,
 Subira ao Ceo.

Aos dois amantes,
 De Thracia, e Abydo,
 Não dêo Cupido
 Do que aos mais todos
 Maior vallor.

Por seus vassallos

Forças reparte,
 Como lhes parte
 Os grãos de Amor.

◆ ————— ◆

L Y R A XIV.

MINHA bella Marilia, tudo passa;
 A forte deste mundo he mal segura;
 Se vem depois dos males a ventura,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
 Sugeitos ao poder do impio Fado:
 Apollo já fugio do Ceo brilhante,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acaba de roubar o bem que temos;
 Até na triste campa não podemos
 Zombar do braço da inconstante forte.

— Qual fica no Sepulcro,
 — Que seus avós erguerão, descançado:
 — Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
 Ferro do torto arado.

Ah!

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
 Não voltão contra nós a face irada,
 Façamos, sim façamos, doce amada,
 Os nossos breves dias mais ditozos.

Hum coração que frouxo
 A grata posse de seu bem differe,
 A si, Marilia, a si proprio rouba,
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
 E façamos de feno hum brando leito;
 Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
 Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
 Sem que o possão deter, o tempo corre;
 E para nós o tempo, que se passa,
 Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta;
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre falta.

A mesma formosura

He dote que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alvêja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E pôde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças;
E ao semblante a graça.



L Y R A X V .

A MINHA bella Marilia
Tem de feu hum bom thesouro
Não he, doce Alceo, formado
Do buscado

Metal louro.

He feito de huns alvos dentes:

He feito de huns olhos bellos;

De humas faces graciosas,

De crespos, finos cabellos;

E de outras graças maiores;

Que a natureza lhe dêo:

Bens que valem sobre a terra,

E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes
 Dar ás correntes desvios;
 Pôr cercados espaçozos
 Nos caudozos
 Turvos rios.
 Posso emendar a ventura
 Ganhando astuto a riqueza;
 Mas, ah! caro Alceo, quem póde
 Ganhar huma só belleza
 Das bellezas, que Marilia
 No seu thesouro mettêo?
 Bens, que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico
 Entre o fausto alegremente,
 Vive o guardador de gado
 Apoucado,
 Mas contente.

Beije pois torpe avarento
 As arcas de barras chêas:
 Eu não beijo os vis thesouros;
 Beijo as douradas cadêas;
 Beijo as settas, beijo as armas
 Com que o cego Amor vencêo:
 Bens, que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo, o fero Marte;
 Ama, Alceo, o mesmo Jove:
 Não he não a vãa riqueza,
 Sim belleza
 Quem os move,
 Posto ao lado de Marilia
 Mais que mortal me contemplo:
 Deixo os bens que aos homens cegão,
 Sigo dos Deoses o exemplo:
 Amo virtudes, e dotes;
 Amo em fim, prezado Alceo,
 Bens que valem sobre a terra,
 E que tem valor no Ceo.

L Y R A XVI.

Eu, Glauceste, não duvido
 Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada-
 Vejo a sua côr de rosa,
 Vejo o seu olhar divino,
 Vejo os seus purpureos beiços,
 Vejo o peito crystalino;
 Nem ha cousa que assemelhe
 Ao crespo cabello louro.
 Ah! que a tua Eulina valle,
 Valle hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
 A' lorangeira copada,
 Estando de flores,
 E frutos ornada.

He;

He , Glauceste , os teus Amores ;

E nem por outra Pastora ,

Que menos dotes tivera ,

Ou que menos bella fôra ,

O meu Glauceste cançára

As divinas cordas de ouro.

Ah ! que a tua Eulina , valle ,

Valle hum immenso thesouro !

Sim , Eulina he huma Deosa ;

Mas anima a formosura

De huma alma de fera ,

Ou inda mais dura.

Ah ! quando Alceo pondéra

Que o feu Glauceste suspira ,

Perde , perde o sofrimento ,

E qual enfermo delira !

Tenha embora brancas faces ,

Meigos olhos , fios de ouro ,

A tua Eulina não valle .

Não valle immenso thesouro .

O fuzil, que imita a cobra;
Tambem aos olhos he bello;
Mas quando alumêa
Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chêa
De mil bellezas a ingrata?
Não se julga formosura
A formosura que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago, e desdouro.
A tua Eulina não valle,
Não valle immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve!

Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto,
 Ri-se Marilia contente:
 Se canto, canta comigo;
 E apenas triste me fente,
 Limpa os olhos com as tranças
 Do fino cabello louro.
 A minha Marilia valle,
 Valle hum immenso thesouro.



L Y R A XVII.

MINHA Marilia

Tu enfadada?

Que mão ousada

Perturbar póde

A paz sagrada

Do peito teu?

Porém que muito
 Que irado esteja
 O teu semblante,
 Também troveja
 O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,
 Que outra Pastora
 A toda a hora,
 Em toda a parte,
 Cega namora
 Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
 Aonde ha fogo;
 Assim, Marilia,
 Ha zelos logo,
 Que existe amor.

Olha , Marilia ,
 Na fonte pura
 A tua alvura ,
 A tua bocca ,
 E a compostura
 Das mais feições.

Quem tem teu rosto ,
 Ah ! não receia ,
 Que terno amante
 Solte a cadeia ,
 Quebre os grilhões.

Não anda Laura
 Nestas campinas
 Sem as boninas
 No seu cabelo ,
 Sem pelles finas
 No seu jubão.

Porém que importa?

O rico aceio

Não dá, Marilia,

Ao rosto feio

A perfeição.



L Y R A XVIII.

Não ves aquelle velho respeitavel;
 Que á moleta encoftado,
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?
 O tempo arrebatado,
 Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces, e perderão
 Seus olhos a viveza;
 Voltou-se o seu cabello em branca neve:
 Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;
 Nem tem hum a belleza
 Das bellezas que teve.

Assim também farei , minha Marília
Daqui a poucos annos ;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahirão , e os meus cabellos.
Ah ! sentirei os damnos ,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penoza.
Não trarei a moleta carregada :
Descançarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa ,
Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem
Os chuveiros não lance ,
Irei contigo ao prado florescente :
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,
Onde os membros descance ,
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistoza parte, que ficar fronteira;
Apontando direi: *Ali fallámos,*
Ali, ó minha bella,
Te vi a véz primeira.

Verteráõ os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Farão teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos,
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Affim irá, Marilia, docemente
Meu corpo suportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando,
Meus baços olhos cerra.



L Y R A XIX.

EM quanto passa alegre o manso gado,
 Minha bella Marilia, nos sentemos
 A' sombra deste cedro levantado,

Hum pouco meditemos
 Na regular belleza,
 Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta
 O novelhinho seu dos mais separa,
 E o lambe, em quanto chupa a liza teta,
 Attende mais, ó chara,
 Como a ruiva cadella
 Suporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima della,

Repara , como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aqueita :
Como aquella esgravata a terra dura ,
E os seus assim sustenta ;
Como se encoleriza ,
E falta sem receio a todo o vulto ,
Que junto delles piza.

Que gosto não terá a esposa amante
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante !

Quando , Marilia , quando
Disser comigo : *he esta*
De teu querido pai a mesma barba ,
A mesma bocca , e testa.

Que gosto não terá a mãe , que toca ,
Quando o tem nos seus braços , c'o dedinho
Nas faces graciosas , e na bocca

Do innocente filhinho !

Quando , Marilia bella ,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la !

Que

Que prazer não terão os pais ao verem
 Com as mãis hum dos filhos abraçados;
 Jogar outros a luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados!
 Que estado de ventura!
 Que até naquillo, que de pezo serve,
 Inspira Amor doçura.



L Y R A XX.

EM huma frondosa
 Roscira se abria
 Hum negro botão,
 Marilia adorada
 O pé lhe torcia
 Com a branca mão,

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondêo.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordêo.

Apenas lhe morde;
Marilia gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,
E o sangue espargido;
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco
 O pranto desatas,
 Ah! dá-me attenção;
 E como daquelle,
 Que feres, e matas,
 Não tens compaixão?*



L Y R A XXI.

Não fei, Marilia, que tenho,
 Depois que vi o teu rosto;
 Pois quanto não he Marilia,
 Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,
 Até quando conversava
 Com o mais rude vaqueiro:
 Hoje, ô bella, me aborrece
 Inda o trato lizongeiro
 Do mais discreto pastor.
 Que effeitos são os que sinto!
 Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço ;
Busco o sitio aonde moras ,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,
Aonde, Marilia bella ,
Tu chegas ao fim do dia ;
Se alguém passa , e te saúda ,
Bem que seja cortezia ,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto !
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , contigo ,
Não tenho hum leve cuidado ;
Nem me lembra , se são horas
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante,
Finge hum dia o meu desgosto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto fulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,
Noutra parte em vão o cego:
Se alguém commigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coiza tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro
 Só Marilia me desvella :
 Enche-se o peito de magoa ,
 E não fei a causa della.

Mal durmo, Marilia, sonho ;
 Que fero leão medonho
 Te devora nos meus braços :
 Gella-se o fangue nas veias.
 E sólto do somno os laços
 A' força da immensa dor.
 Ah ! que os effeitos que si o
 Só são effeitos de Amor.



LYRA XXII.

Muito embora, Marilia, muito embora
 Outra belleza, que não seja a tua,
 Com a vermelha roda, a feis puxada
 Faça tremer a rua.

As paredes da falla aonde habita
Adorne a seda, e o tremó dourado,
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da palida morte a mão tyranna
Arraza os edificios dos Augustos,
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão
De quem nem se quer temos a memoria!
Só pódem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Senão houvesse Tasso, nem Petrarcha,
 Por mais que qualquer dellas fosse linda,
 Já não sabia o mundo, se existirão
 Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada
 Por quantos háo de vir sabios humanos,
 Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
 Que morrem com os annos.



L Y R A XXIII.

NUM sitio ameno
 Cheio de rofas,
 De brancos lyrios,
 Murtas viçozaS ;

Dos seus amores
 Na companhia
 Dirceo passava
 Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Pega na lyra,
Sem que a tempere;
A vóz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a vóz iguala
A vóz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chêa,

Então Cupido

Apparecendo,

A' bella falia

Assim dizendo :

Do teu amado

A lyra fias,

Só porque delle

Zombando rias?

Quando n'um peito

Assento faço,

Do peito subo

A' lingua, e braço:

Nem creias que outro

Estyllo tome,

Sendo eu o mestre,

A acção teu nome.



L Y R A XXIV.

ENCHEO, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie

As terras, mais os ares,

O grande espaço dos salobres rios,

Dos negros, fundos mares.

Para sua deffeza,

A todos dêo as armas, que convinha,

A' fabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;

Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:

Dêo veneno á serpente,

Ao membrudo Elefante a enorme tromba,

E ao Javali o dente.

Coube ao leão a garra:

Com leve pé saltando o servo foge;

E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios com que aos brutos cortão
Os voos, mais os passos.

A's timidas donzellas pert encerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar póde o gello em fogo;
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força de Grecia.
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi, só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço defarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados
Pódem soprar o fogo da discórdia
Em povos aliados;
Es arbitra da terra;
Tu pódes dar, Marília, a todo o mundo
A páz, e a dura guerra.

◆ ————— ◆
L Y R A XXV.

O CEGO Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava,
Do modo que lhe restava
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Este conselho lhe dêo:

As settas mais aguçadas,
Como se em róxa batessem,
Dão nos seus peitos, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia
Pódem vencer hum tão duro,
Tão izento coração,

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que finta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,
Que já deixarão as pennas
No visco do Caçador.

Na força deste conselho
O raivozo Deos focega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.

Todos pertendem ganhá-la,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão
Da Deosa nos olhos bellos:
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado
Cahio dos labios ao feio,
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma criança
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;
Esconde as settas, e quanto
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão rizonho, e tão esperto
Ali sózinho brincar.

A elle endireita os passos ;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;
Elle fugia, e chorava :
Assim forão ondê estava
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses noutra idade
Para illudir as Seréas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva trasportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;
Mettêo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia
Entre os peitos da Païtora ,
Erguêo a cabeça fóra ,
E o successo conheçôo.

Deixa o socego em que estava ,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria ,
Com o calor que trazia
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,
'Abre os seus olhos , e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para vêr o lindo rosto ,
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma ,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços ,
Que lhe segurão os braços ,
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste ;
Antes beija satisfeito
As suas doces prizões.

◆ ————— ◆

L Y R A XXVI.

O DE'STRO Cupido hum dia
 Extrahio mimosas cores
 De frescos lyries, e rosas,
 De jasmims, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
 Usa de huma, e de outra tinta,
 E nos angulos do cobre
 A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
 No seu lizo centro escreve
 Hum letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,
 E lêo a letra engenhosa,
 Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*
De-se a Marilia formosa.

L Y R A XXVII.

ALEXANDRE, Marilia, qual o rio
Que engrossando no Inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro,
Morrêo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Hum ditozo pirata,
Hum falteador valente.
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòã,
A' sua mesma Patria a fé quebranta;

Na mão a espada toma,

Opprime-lhe a garganta,

Dá Senhores a Roma.

Confegue ser heroe por hum delicto;

Se acaso não vencesse então seria

Hum vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,

Espalha o fangue humano,

E despovoa a terra

Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heroe em viver justo:

E tanto póde ser heroe o pobre,

Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe , Marilia bella ,
Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei , ganhei hum throno.

Ah ! não manchei a espada ,

Não a roubei ao dono.

Frgui-o no teu peito , e nos teus braços :
E valem muito mais que o mundo inteiro

Huns tão ditozos laços.

Aos barbaros , injustos vencedores
Atormentão remorços , e cuidados ;

Nem descenção seguros

Nos Palacios cercados

De tropa , e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria ?

Eu vivo , minha bella , sim , eu vivo
 Nos braços do descanso, e mais do gosto:

Quando estou acordado ,

Contemplo no teu rosto

De graças adornado ;

Se durmo logo sonho , e ali te vejo.

Ah ! nem desperto , nem dormindo sóbe

A mais o meu desejo.



L Y R A XXVIII.

CUPIDO tirando

Dos hombros a aljava ,

N'um campo de flores

Contente brincava.

E o corpo tenrinho

Depois enfadado ,

Incauto reclina

Na relva do prado.

Marilia formosa ,
Que ao Deos conhecia ,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente ,
As armas lhe furta ,
E o Deos a não sente.

Os Faunos mal virão
As armas roubadas ,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido ;
E a causa sabendo ;
A quantos o insultão
Responde dizendo :

*Temeis as settas
 Nas minhas mãos cruas?
 Vereis o que podem
 Agora nas suas.*



L Y R A XXIX.

O TYRANNO Amor risonho
 Me apparece, e me convida
 Para que seu jugo aceite;
 E quer, que eu passe em delcete
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte
 (Astuto o moço dizia)
 Já perto da morte estava;
 Inda de amores cantava;
 Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares
Não 'resiste hum peito fraco,
Se Amor o não fortalece:
O mesmo Jove carece
De Cupido, e mais de Bacchô.*

*Eu lhe respondo: Perjuro,
Nada creio do que dizes!
Porque já te fui sugcito,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.*

*Amor, vendo que da offerta
Algum apreço faço,
Me diz affeito, que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.*

Vou buscar as minhas armas:

Cinjo primeiro que tudo

O brilhante arnêz, e á pressa

Ponho hum elmo na cabeça,

Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento

Marilia (ó Ceos!) me apparece:

Logo que os olhos me fita,

O meu coração palpita,

A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:

Confessa louco o teu erro;

Contra as armas da belleza,

Não valle a externa desseza

Dessa armadura de ferro.



L Y R A XXX.

JUNTO a huma clara fonte
 A mãe de Amor se sentou:
 Encoistou na mão o rosto,
 No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
 Contento ao lugar corrêo;
 Cuidando que era Marilia
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
 Amor a conhece: e então
 Da ouzadia, que teve,
 Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó mãe formosa,
 Foi facil, o engano meu;
 Que o semblante de Marilia
 He todo o semblante teu.*



L Y R A XXXI.

MINHA Marilia,
 Se tens belleza,
 Da Natureza
 He hum favor.
 Mas se aos vindouros
 Teu nome passa,
 He só por graça
 Do Deos de amor,
 Que terno inflamma
 A mente, o peito
 Do teu Pastor.

Em vão se virão
 Perlas mimosas,
 Jasmim, e rosas
 No rosto teu.
 Em vão terias
 Essas estrellas,
 E as tranças bellas
 Que o Ceo te dão;
 Se em doce verso
 Não as cantasse
 O bom Dirceo.

O verso temo
 Ligeiro corre
 Com elle more
 A parisião.
 Esta que o Egipto
 Sida moderna,
 De Marco impera
 No coração;
 Mas ja Octavio
 Não teme a força
 Do seu grilho.

O voráz tempo
Ligeiro corre :
Com elle morre
A perfeição.
Essa que o Egypto
Sábia modera,
De Marco impera
No coração ;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,
 E o teu querido,
 Ao Deos Cupido
 Louvores dar!
 Pois fáz que todos
 Com igual forte
 Do tempo, e morte
 Possão zombar;
 Tú por formosa,
 E elle, Mariliã,
 Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprego
Do charo bem
Não vê defeitos,
E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vaçes,
 Em teu conceito,
 Nutrio no peito
 Nescia paixão?
 Todas aquellas,
 Que vês cantadas,
 Forão dotadas
 De perfeição?
 Forão queridas;
 Porém formosas
 Talvez que não.

Porém que imo
 Não vallas nada
 Seres cantada
 De teu Dizeo
 Tu tens, Mulin
 Cantar collete
 O meu Glancello
 A vês egues
 In tu nome
 Aos fins da Terra
 E so melho Co

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo ?
Tu tens, Marilia,
Cantor celleste;
O meu Glauceste
A vóz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for:
Mostrando Jove
Graça extremoza,
Mudando a Espoza
De inveja a cor;
De todos ha-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche
 Teu brando peito
 Do vil deffeito
 Da ingratição:
 Os versos beija,
 Gentil Pastora,
 A penna adora,
 Respeita a mão,
 A mão discreta,
 Que te segura
 A duração.

L Y R A XXXII.

NUMA noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por ver de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emiendadas
De quantos versos melhores,
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas;
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo femrazões tamanhas
Eu exclamo transportado:
Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'hum grande monte
 Os soltos papeis , e logo ,
 Porque reliquias não fiquem ,
 Os intento pôr no fogo.

Então vejo , que o Deos cego ,
 Com semblante carregado ,
 Assim me falla , e crimina
 O meu intento acertado.

Queres queimar esses versos ?
Dize , Pastor atrevido ,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupido ?

Achas , que de taes amores
Não deve existir memoria ?
Sepultando esses triunfos ,
Não roubas a minha gloria ?

Disse Amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno,
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima he tua?*

Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'ò vento,
Que formou batendo as azas.

L Y R A XXXIII.

PEGA na lyra sonora,
 Pega, meu caro Glauceste;
 E ferindo as cordas de ouro,
 Mostra aos rusticos Pastores
 A formosura celette
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste!
 Que concurso tão ditozo!
 Tu és digno de cantares
 O seu semblante divino;
 E o teu canto sonoro
 Tambem do seu rosto he dino.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Para pintares ao vivo
 As suas faces mimozas,
 A discreta Natureza,
 Que providencia não teve!
 Creou no jardim as rosas,
 Fez o lyrio, e fez a neve.
 Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

A pintar as negras tranças
 Peço que mais te desvelles;
 Pinta chufmas de amorinhos,
 Pélos seus fios trepando,
 Huns tecendo cordas dellas,
 Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta

A minha bella !

E em nada a copia

Se affaste della.

Para pintares , Glauceste ,

Os seus beijos graciosos ,

Entre as flores tens o cravo ,

Entre as pedras a granada ,

E para os olhos formosos

A Estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta

A minha bella !

E em nada a copia

Se affaste della.

Mal retratares do rosto

Quanto julgares preciso

Não dês a copia por feita ;

Passa a outros dotes , passa ,

Pinta da vista , e do riso

A modestia , mais a graça.

Ah

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto
 Com expressões delicadas;
 Aos seus pés, quando passeão,
 Pizando ternos amores;
 E as mesmas plantas calcadas
 Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Pinta mais, prezado amigo,
 Hum terno amante beijando
 Suas doiradas cadeias;
 E em doce pranto desfeito,
 Ao monte, e valle ensinando
 O nome, que tem no peito.

Ah

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto,
 Inda que, Pastor, se veja
 Que a minha bocca suspira,
 Que se banha em pranto o rosto;
 Que os outros chorão de inveja;
 E chora Dirceo de gosto.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

F I M.



